



## A PATOLOGIZAÇÃO DA ATENÇÃO E(M) UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Paloma Batista Silva<sup>1</sup>  
Fernanda de Castro Modl<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O fenômeno da atenção é um tema que tem sido muito referenciado na atualidade. Posições amparadas no discurso do senso comum têm destacada a falta de (mostras de) atenção em momentos de agenciamento da interação em que ela é explicitamente requerida. Em função disso, interessamo-nos, aqui, por focalizar a emergência do fenômeno no espaço interacional da sala de aula, bem como pela associação, muitas vezes, direta que é feita entre a falta de atenção e as suas patologias.

Elegemos, para pensar essa questão, a perspectiva histórico cultural, o que implica assumir, por exemplo, que a atenção vai muito além de um processo mecânico relacionado apenas à(s) memória(s). Esse fenômeno, de acordo a essa perspectiva, está extremamente ligado às vivências histórico culturais do sujeito. Nessa direção, abordamos a questão da atenção/desatenção em relação ao espaço escolar, pensando esse fenômeno enquanto fator importante para o processo de ensino e aprendizagem, bem como visando um questionamento acerca da relação estabelecida de forma direta entre atenção/desatenção e TDAH (Distúrbio de Déficit de Atenção e Hiperatividade) no espaço escolar.

Alinhamo-nos à Brant e Carvalho (2012), Colares e Moyes (1994), Meira (2012), Caliman (2010) e Kastrup (2004) para discutir sobre a problemática da atenção e da patologização da atenção nos espaços escolares e a Rajagopalan (2007) para pensar a linguagem e a Linguística Aplicada Crítica nesse cenário.

### METODOLOGIA

1 Bolsista CAPES e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: palomasilva1923@gmail.com

2 Orientadora. Professora Doutora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: fernanda.modl.uesb@gmail.com



No estudo, realizamos uma análise discursiva do questionário diagnóstico do TDAH denominado SNAP-IV que foi construído a partir dos sintomas do Manual de Diagnóstico e Estatística - IV Edição (DSM-IV) da Associação Americana de Psiquiátrica. As questões do questionário diagnóstico SNAP-IV<sup>3</sup> são: 1. Não consegue prestar muita atenção a detalhes ou comete erros por descuido nos trabalhos da escola ou tarefa; 2. Tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades de lazer; 3. Parece não estar ouvindo quando se fala diretamente com ele. 4. Não segue instruções até o fim e não termina deveres de escola, tarefas ou obrigações; 5. Tem dificuldade para organizar tarefas e atividades; 6. Evita, não gosta ou se envolve contra a vontade em tarefas que exigem esforço mental prolongado; 7. Perde coisas necessárias para atividades (p. ex: brinquedos, deveres da escola, lápis ou livros); 8. Distrai-se com estímulos externos; 9. É esquecido em atividades do dia-a-dia; 10. Mexe com as mãos ou os pés ou se remexe na Cadeira; 11. Sai do lugar na sala de aula ou em outras situações em que se espera que fique sentado; 12. Corre de um lado para outro ou sobe demais nas coisas em situações em que isto é inapropriado; 13. Tem dificuldade em brincar ou envolver-se em atividades de lazer de forma calma; 14. Não para ou frequentemente está a “mil por hora”; 15. Fala em excesso; 16. Responde as perguntas de forma precipitada antes delas terem sido terminadas; 17. Tem dificuldade de esperar sua vez; 18. Interrompe os outros ou se intromete (p.ex. mete suas conversas / jogos).

Para a sessão de comunicação, concentramo-nos na análise das seguintes questões:

- i. Mexe com as mãos ou os pés ou se remexe na cadeira;
- ii. Sai do lugar na sala de aula ou em outras situações em que se espera que fique sentado;
- iii. Corre de um lado para outro ou sobe demais nas coisas em situações em que isto é inapropriado;
- iv. Tem dificuldade em brincar ou envolver-se em atividades de lazer de forma calma;
- v. Não para ou frequentemente está a “mil por hora”;
- vi. Fala em excesso;

Todas as questões foram analisadas, a partir das categorias discursivas da linguagem em consonância com os princípios discursivos, a saber: i. O uso da língua não é transparente (PÊCHEUX, 1997; 2002; 2007); ii. As escolhas lexicais indicam posições

3 Versão em Português validada por Mattos P et al, 2005.



frente ao que se diz e ao que não se diz (DUCROT, 1977) iii. Ditos e não ditos acompanham representações sociais deixando que as vejamos ou entrevamos nas posições dos sujeitos (DUCROT,1977; MOSCOVICI, 2015).

Nossa reflexão, nesse trabalhoé, também, guiada pela perspectiva da Linguística Aplicada Crítica que tem como princípio ser significativa e trazer respostas à sociedade do fazer científico (RAJAGOPALAN, 2003).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a década de 90, os diagnósticos de TDAH gozam de muito prestígio e muitos estudos foram feitos na tentativa de compreender o que é, na verdade, o TDAH. Todavia, não existe um consenso sobre a questão. O que se deve, principalmente, conforme argumenta Caliman (2010, p.49), à história controversa do transtorno, já que “a maioria das críticas direcionadas ao transtorno apoiam-se nas suas controvérsias clínicas, epidemiológicas e terapêuticas”, ao que se soma o fato de que existe uma associação entre os diagnósticos e o processo de patologização (CALIMAN,2010,p.49).

Segundo Colares e Moysés (1994), pensar a atenção somente do ponto de vista da medicalização representa uma biologização de conflitos sociais. Desse modo, questões individuais e de grupo seriam somente associados ao sujeito sem considerar, por exemplo, as circunstâncias sociais, políticas, econômicas, históricas. Essas questões teriam mínima influência sobre a vida das pessoas; daí decorre que o indivíduo seria o maior responsável por seu destino, por sua condição de vida, por sua inserção na sociedade. O sistema sociopolítico é praticamente desresponsabilizado e o sujeito é culpabilizado e medicalizado.

Nessa direção, discutir em que medida o sujeito está doente ou é adoentado por seu entorno revela-se importante, já que, em muitos casos, o sistema está apenas usando a escola para agrupar/categorizar os sujeitos, de modo a homogeneizar os indivíduos sem respeitar suas singularidades.

Nesse cenário, pensar no SNAP-IV<sup>4</sup> para indicar, em primeira instância, se alguém está ou não com ossintomas do transtorno é bastante problemático, tendo em vista a classificação prescrita a partir das variáveis: **nem um pouco, só um pouco, bastante e**

4 O questionário SNAP-IV, segundo informações do site: <http://www.tdah.org.br/>, acesso em 15 Fev. 2017, é útil para avaliar apenas o primeiro dos critérios (critério A) para se fazer o diagnóstico. Existem outros critérios que também são necessários. O diagnóstico não é feito apenas com o critério A.



**demais** usada para responder, por exemplo: se i- o sujeito dá a impressão de estar com a mente em outro local ou de não escutar o que acabou de ser dito; ii- manifestar-se por inquietação ou remexer-se na cadeira; iii- por não permanecer sentado quando deveria; ou iv- por correr ou subir excessivamente em coisas quando isso é inapropriado.

Considerando as perguntas que integram o questionário, que se ancoram em parâmetros que nos parecem extremamente subjetivos, bem como os critérios usados para avaliar os sujeitos, que são baseados na percepção daquele que responde (o professor, por exemplo), externalizamos algumas provocações, tais como:

- i- Quem são esses sujeitos autorizados a dizer que um sujeito se comporta em níveis **nem um pouco, só um pouco, bastante** ou **demais**?
- ii- O que é **demais** e para quem é demais?
- iii- Qual padrão é usado para classificar comportamentos sociais?
- iv- Que representação de ser criança/adolescente que quem classifica possui?

## CONCLUSÃO

São muitos os questionamentos suscitados. A questão da patologização da atenção demanda uma profunda reflexão dos sujeitos acerca dos padrões da sociedade e dos mecanismos usados para estabelecer e manter esses padrões.

Pensando nessa questão, é imprescindível a compreensão de que trabalhar com a linguagem é extremamente importante e significa, necessariamente, intervir diretamente na realidade social da qual fazemos parte e, somando-se a isso, aí reside uma parcela de nossa responsabilidade em promover reflexões críticas sobre modelos e padrões do agir que nos são impostos pela sociedade e que são perpetuados na escola. A reflexão sobre o TDAH é um dos exemplos.

Assim, pensar o objeto da Linguística aplicada como “o problema real de uso de linguagem colocado na prática dentro ou fora do contexto escolar” (ALMEIDA FILHO, 1991, p. 4) nos coloca em uma posição extremamente importante, uma vez que a linguagem materializa e reforça discursos e ideologias. NÓS precisamos refletir sobre esses discursos que atravessam nossa prática e que reproduzimos, por tantas vezes, tão intuitivamente. Isso porque a consciência crítica tem início quando nos damos conta de que é intervindo na linguagem que fazemos valer nossas reivindicações e aspirações



políticas (RAJAGOPALAN, 2007).

**Palavras-chave:** Desatenção. Escola. Política Linguística. TDAH.

## REFERÊNCIAS

DE ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. “Maneiras de compreender lingüística aplicada.” **Letras 2** (1991): 4-10.

BRANT, Luiz Carlos; CARVALHO, Tales Renato Ferreira. Methylphenidate: medication as a “gadget” of contemporary life/Metilfenidato: medicamento gadget da contemporaneidade/Metilfenidato: medicamento gadget de la contemporaneidad. **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v. 16, n. 42, p. 623-637, 2012.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico: a patologização da educação. **Série Idéias**, v. 23, p. 25-31, 1994.

CALIMAN, Luciana Vieira. Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH. **Psicol. Cienc. Prof**, v. 30, n. 1, p. 45-61, 2010.

KASTRUP, V. (2004). A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia e Sociedade**, 16(3), 7-16.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Para uma crítica da medicalização na educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, p. 136-142, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 2 ed. Campinas: Pontes, 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma lingüística crítica**. Parábola Ed., 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política de ensino de línguas no Brasil: história e reflexões prospectivas. In.: MOITA-LOPES, Luiz P.[org]. **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, p. 144-161, 2013.